

Para Ogum

Astrid Habiba Kreszmeier | 23.04.2020 |

Terra Sagrada terrasagrada.info/blog | yalorixa@terrasagrada.info

Tradução: Edite do Carmo Piller



Patacori Ogum

Em tempos passados os Orixás e as pessoas viviam em harmonia, equilíbrio e alegria. Eles caçavam, coletavam alimentos e lavravam a terra. As suas ferramentas eram feitas de madeira, pedra e aqui e ali até de metal macio. Eles viviam bem e conseqüentemente a população crescia. E assim em algum momento, os alimentos acabaram por escassear e era necessário cultivar uma área maior da terra, o que naquele momento, não era uma tarefa fácil de se realizar. Os Orixás reuniram-se para discutir como poderiam fazer o desmatamento necessário e preparar a terra para um plantio maior.

Ossaim, o Orixá das folhas, foi o primeiro a oferecer-se para limpar a terra do matagal. Mas o seu facão era demasiado fraco e ele não conseguiu realizar a tarefa, tal como todos os outros Orixás que tentaram depois dele. Ogum, no entanto, ainda não havia feito sua tentativa de desmatar a terra, embora conhecesse o segredo do ferro. À noite, quando todos os outros Orixás já estavam dormindo, Ogum pegou seu facão de ferro e limpou todo o matagal da terra quase sem

nenhum esforço. Na manhã seguinte todos ficaram espantados com a façanha de Ogum e admirados diante das grandes possibilidades desse material especial, que Ogum chamava de ferro e ao qual só ele tinha acesso até então.

Começaram a pressionar Ogum para que este revelasse e compartilhasse o segredo do ferro, mas Ogum permaneceu firme e guardou seu segredo por muito tempo.

Será que ele adivinhava o que poderia acontecer se ele revelasse o segredo?

Depois de muita insistência e negociações Ogum acabou cedendo trocando o segredo do ferro por um título de realeza.

Além dos Orixás, as pessoas também estavam interessadas no segredo do ferro. Assim, não demorou muito até que cada caçador tivesse instrumentos de ferro para caçar e que guerreiros e guerras brotassem como cogumelos do solo.

Embora Ogum tivesse aceitado o título de realeza dos Orixás, ele era sobretudo um caçador. Um dia Ogum foi caçar e não regressou durante muito tempo. Talvez porque a caça estaria sendo muito difícil? Ou seria talvez por não estar satisfeito com a vida de um rei do ferro?

Quando finalmente regressou depois de muitos dias na selva, Ogum estava imundo e maltrapilho. Os Orixás não gostaram de ver o seu rei dessa forma. Desprezaram-no por essa aparição e decidiram retirá-lo do trono. Ogum ficou muito decepcionado com essa conspiração.

Tomou um banho ritualístico, vestiu-se com sua saia de folhas de palmeira, pegou suas ferramentas e foi-se embora. Para um lugar distante, aonde Ogum construiu a sua casa debaixo de um coqueiro e lá ficou.

Um Guerreiro como companheiro

Há mais de 25 anos no Brasil, quando segui este chamado inexplicável dos Orixás em todos os aspectos, fui mesmo posta à prova. Encontrei-me não na selva, mas numa zona periférica da megacidade de São Paulo. Muito trânsito, muito barulho, muita gente.

Gente alta, pequena, gorda, magra, branca, negra e muitos outros elementos: tambores, gritos, saltos, multidões, calor. E rituais, danças e encontros que mudaram radicalmente a minha ideia sobre tradição de cura natural e de prática espiritual. Experimentei com espanto o ápice da minha resistência ao que estava vivenciando quando a certa altura do ritual, alguns dançarinos em transe se equiparam com capacetes de lata, o que me lembrou imediatamente o capacete dos legionários romanos em Asterix e Obelix.

Alguém à meu lado disse-me: "São os Caboclos de Ogum, guerreiros da paz"! Guerreiros da paz! Infelizmente, isso não me acalmou em nada, pois vi mais do que claramente uma mistura de cavaleiros da Cruzada, matador de dragões e histórias ocidentais sobre heróis da corte. O que essa cena tinha a ver com Orixás e caboclos?

Deve ter sido por obra do destino que acabei por me achar frente à frente com um desses Guerreiros em meio à toda agitação que acontecia à minha volta. De repente ele

assumiu uma postura calma e segura. Abraçou-me brevemente pelos ombros, falou comigo em sua língua e colocou seu manto suavemente à minha volta por um breve momento. Ele não era um cavaleiro, um guerreiro ou um herói. Ele era um companheiro experiente que me mostrou e me abriu um caminho.

Eu havia encontrado uma força capaz de guiar e que estendia a sua mão para mim. Eu tinha encontrado uma força que vive e ensina a coragem sem vaidade. Foi assim que Ogum se mostrou: Poderoso e amoroso. Ogunhê, meu pai!

Ogum dos tempos modernos

Tenho-me mantida fiel à esta profunda impressão da ressonância psicológica de Ogum ao longo de todos estes anos, apesar de que as imagens e idéias em torno de Ogum no campo dos Orixás serem muitas vezes desenhadas de forma diferente. Sendo o Orixá do ferro, da guerra e da tecnologia, Ogum é quase o símbolo da dinâmica formativa do nosso mundo "moderno" e da sua história, que gira em torno do ideal de progresso contínuo. Ogum corta obstáculos e abre caminhos, não conhece fronteiras, persegue o seu objetivo com um poder quase inesgotável, à serviço de um bem maior, ou na melhor das hipóteses obedecendo um plano divino para o qual a humanidade se dirige. Para cumprir esse seu papel tem que violar os poderes femininos e na sua ânsia desenfreada de sangue, tem até que abater o seu próprio povo. Muitas histórias de Ogum são lidas como um espelho para eventos que se tornaram parte da nossa realidade social. Permeado com a idéia de progresso crescente que justifica a exploração mundial à serviço do desdobramento do "Progresso à qualquer custo" e na qual a guerra ainda é considerada a mãe de todas as coisas, um Ogum pervertido governa. O próprio Senhor dos instrumentos condenado a ser instrumentalizado. Não foi assim que eu o conheci.

Mesmo no campo da ressonância natural, Ogum parece ser muito mal compreendido. Ogum é fogo, Ogum é movimento. Sim, Ogum como princípio mantém o mundo em movimento. Não são os arcos rítmicos circulares, as ondas e curvas em encadeamento que se abraçam simbioticamente gerando organismos e mundos o princípio do movimento biológico, físico e químico? Não é toda a estabilidade da atmosfera do nosso planeta e do sol dada por ciclos e movimentos de troca constantes? Não é verdade que no mundo natural não há sempre nenhum movimento que aponte numa só direção, ou seja, nenhuma linha reta? Então, se Ogum é o princípio do nosso movimento e da constituição do mundo, como poderia acontecer que ele se tornasse o guardião da linearidade, do progresso e da dissolução das fronteiras? Ogum sofreu uma lavagem cerebral? Ou será que as suas curvas e arcos foram transformados e endireitados e Ogum já se mudou há muito tempo?

Sabedoria na comunidade

Na verdade, algumas histórias, embora não as mais conhecidas, falam do esgotamento de Ogum, do seu cansaço. Ele não quer estar o tempo todo forjando, guerreando e novamente forjando. Ele já não quer ser um herói e muito menos um rei. Ele não quer estar sempre reduzido à mesma imagem. Ele quer ser o que era: um caçador numa comunidade com um dom especial e por isso muda-se para a floresta. Este é um Ogum que sente que tudo deve ter os seus limites, para que a vida aconteça. Ogum é mais sábio do que se pensa. Ele não é a força descontrolada sem consciência que é mostrada ao longo dos séculos nas tradições.

E, por falar nisso, um lado desconhecido de Ogum também é revelado em muitas histórias. Ogum é atencioso e pronto para a reciprocidade: ele pede ajuda quando precisa, ele ajuda quando pode. Para que o Obaluaie pudesse ir à festa, não foi Ogum que costurou-lhe a roupa adequada? Não foi Ogum que pediu ajuda a Ossaim quando uma jovem mulher estava doente? Não foi Ogum que procurou o seu irmão perdido na selva e o levou de volta à aldeia? Forte e atencioso. Ogunhê, meu Pai.

Talvez você, Ogum, seja também um guerreiro. Um guerreiro de encorajamento. Talvez este mesmo Ogum me tenha encorajado a correr o risco de um caminho desconhecido, através de muita mata até hoje. E talvez seja precisamente este Ogum que me inspira e me encoraja, como Mãe de Santo, a recordar o outro Ogum do nosso terreiro, a honrá-lo, a chamá-lo e a pedir-lhe que dê uma sábia orientação aos seus "Filhos e Filhas", seus aliados, à sua maneira antiga.

Axé, Iya Habiba